

## **AVANÇOS NOS NEGÓCIOS FLORESTAIS CONTINUAM SÓLIDOS**

As expectativas e ansiedades dos vários setores da economia nacional e internacional não deixam de ser renovadas e intensificadas com os vários eventos de grande magnitude que têm impactado o comércio mundial desde o início de 2011. Atualmente, o desastre natural no Japão, de dimensões ainda não calculadas, contribuiu significativamente para aumentar os riscos ligados ao desempenho da economia mundial e, conseqüentemente, de setores exportadores da economia brasileira. Apesar dos eventos não previsíveis e das medidas brasileiras de contenção do crédito e consumo interno, o Centro de Inteligência em Florestas, em sua conjuntura do mês de abril, aponta para um avanço nos negócios florestais e continuidade nas expectativas de que, mesmo em ritmo menor, os negócios florestais tendem a avançar solidamente.

### **Segmento de Celulose e Papel**

As exportações brasileiras de celulose totalizaram 835,7 mil toneladas em março de 2011, segundo dados divulgados pelo SECEX. O resultado representa uma redução de 10,4% em relação às vendas externas brasileiras registradas no mesmo período do ano passado. Na comparação com fevereiro de 2011, o indicador apresentou aumento de 16%, em decorrência, principalmente, do aumento das importações chinesas. A China já é o terceiro maior importador de celulose brasileira, depois da Europa e América do Norte.

Já a receita de exportação brasileira de celulose alcançou US\$450,7 milhões (preço FOB) em março de 2011, queda de 2,9% em relação a março de 2010, mas alta de 20% ante fevereiro do presente ano.

O preço médio da celulose em março deste ano, em São Paulo, ficou em US\$865, a tonelada, como em fevereiro. No comparativo com março de 2010, por sua vez, a cotação média teve valorização de 11%, segundo o CEPEA.

As exportações brasileiras de papel foram de 189,6 mil toneladas em março de 2011, segundo Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), o que

representa uma redução de 13,9% em relação às vendas externas brasileiras, registradas no mesmo período do ano passado. Na comparação com fevereiro de 2011, o indicador apresentou aumento de 12,6%.

Por sua vez, a receita das exportações brasileiras com papel alcançou US\$199,2 milhões em março de 2011, alta de 2,2% em relação a março de 2010, e de 12,5% ante fevereiro deste ano.

O preço médio do papel offset em bobina e do papel cut size, em março deste ano, ficou estável em São Paulo: R\$3.222,73 e R\$3.803,94, a tonelada, respectivamente. No comparativo com março de 2010, a cotação média teve desvalorização de 10,2% para o papel offset em bobina e uma valorização de 12% para o papel cut size.

## **Segmento de Produtos Florestais Não Madeireiros**

No mês de março de 2011 ocorreram alguns fatores que contribuíram para o desenvolvimento do mercado de produtos florestais não madeireiros no Brasil. Foi assinado um acordo de cooperação mútua entre o Grupo Pão de Açúcar, o Governo do Estado do Amazonas e a Fundação Amazonas Sustentável (FAS) com o objetivo de desenvolver a cadeia sustentável de produtos da Amazônia, como a castanha-do-brasil, o açaí e o pirarucu.

O setor heveícola passou a contar com uma opção de financiamento exclusiva do Banco do Brasil. São previstos R\$ 30 milhões para financiamentos da cultura de seringueira no país, com carência de oito anos, prazo para pagamento de 14 anos e juros de 6,75% ao ano. Os recursos visam fomentar a cadeia e ajudar a reverter o quadro de déficit na balança comercial que existe no segmento.

Se por um lado o Banco do Brasil anuncia a ampliação de recursos para o setor, por outro ressalta-se a denúncia feita pelo jornal Folha de S. Paulo de que não houve nenhuma operação de crédito no âmbito do Programa Agricultura de Baixo Carbono (Programa ABC), iniciativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para minimizar as emissões de

gases causadores do efeito estufa. De acordo com a reportagem, um dos fatores da baixa procura por parte dos agricultores seria a falta de divulgação; o outro é a burocracia do governo e do próprio Banco do Brasil, que é responsável por metade dos recursos ofertados pelo programa. “Mais uma vez quem perde é o agricultor”, afirma Heiko Rossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (APABOR), que completa “e a sociedade brasileira, que desconhece a urgente necessidade de se aumentar a produção nacional de borracha natural”.

No mês de março, os agricultores familiares que cultivam açaí, arroz longo fino em casca, babaçu (amêndoa), borracha (extrativista), borracha natural, cará/inhame, castanha-de-caju, cebola, feijão, leite, mamona, mangaba, pequi (fruto), piaçava (fibra), sisal, sorgo, trigo, triticale, umbu e uva contaram com o bônus do Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF). Esse programa possibilita ao agricultor familiar pagar os financiamentos de custeio e investimento com desconto, que corresponde à diferença entre os preços garantidos e o preço de mercado, nos casos em que o valor do produto financiado esteja abaixo do preço de garantia. Em março, o produto com o maior bônus foi a borracha extrativista do bioma Amazônia (65,71%), no estado do Maranhão.

Com relação aos preços dos produtos florestais não madeireiros, verificou-se que, em fevereiro de 2011, o preço da borracha natural pago ao produtor foi de R\$3,75/kg e que o preço pago a usina foi de R\$9,29/kg, representando um crescimento de 23% e 22,7%, respectivamente, em comparação com janeiro de 2011. Comparando fevereiro de 2010 com fevereiro de 2011, o crescimento nos preços foi ainda maior, tanto para o preço pago ao produtor, como para o preço pago a usina: 68,2% e 62,1%, respectivamente, segundo dados divulgados pela APABOR.

No caso do palmito, em março de 2011, o preço do produto *in natura* no Espírito Santo foi R\$1,2/kg, um acréscimo de 44,6% em relação ao mês anterior e uma redução de 6,3% em relação a março de 2010. Já o preço da lata de 300 gramas de palmito em São Paulo foi de R\$9,92, em março de 2011,

o que representou uma queda de 6,5% em comparação com fevereiro de 2011 e um aumento de 7% em comparação com março de 2010, segundo IEA e CEASA/ES.

Por outro lado, o preço da resina *Elliottii* Fot-Fazenda foi R\$3.464,80, a tonelada, em março de 2011, crescimento de 1% em relação a fevereiro do mesmo ano e de 171,6% em relação a março de 2010. Para a resina Tropical Fot-Fazenda a situação foi semelhante. Em março de 2011, o preço foi de R\$3.095,00, a tonelada, um crescimento de 2,2% em relação a fevereiro de 2011 e de 199% em relação a março de 2010, segundo Associação dos Resinadores do Brasil (ARES B).

#### **SEGMENTO DE MADEIRA PROCESSADA**

Embora não existam números oficiais que revelam as atividades do segmento de madeira processada no mercado interno pode-se, indiretamente, constatar o seu crescimento no primeiro trimestre de 2011, uma vez que as vendas no varejo brasileiro cresceram 8,5%, em comparação ao mesmo período do ano passado, impulsionado pelas compras de móveis, eletrônicos, informática, construção civil e outros segmentos que possuem uma forte relação com o da madeira processada.

As exportações de madeira e derivados no primeiro trimestre de 2011 totalizaram US\$463,8 milhões, representando um aumento de 8,8% em relação ao mesmo período de 2010. As importações de janeiro a março de 2011 totalizaram US\$37 milhões, representando um aumento de 35,5% em relação ao mesmo período do ano passado. Deste modo, a balança comercial brasileira de madeira e derivados, neste primeiro trimestre de 2011, totalizou saldo positivo de US\$426,8 milhões, representando um aumento de 6,9% em relação ao mesmo período do ano passado (Tabela 1)

Tabela 1 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) para primeiro trimestre de 2011 e 2010, em 1000 US\$

Mês	2011			2010			Variação (%)		
	Exp.	Imp.	Saldo	Exp.	Imp.	Saldo	Exp.	Imp.	Saldo
JAN	138946	10651	128295	115079	7350	107729	20,7	44,9	19,1
FEV	151265	13293	137972	141550	8239	133311	6,9	61,3	3,5
MAR	173645	13110	160535	169801	11759	158042	2,3	11,5	1,6
Total	463855	37053	426802	426431	27349	399082	8,8	35,5	6,9

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CI Florestas.

O cenário favorável tem incentivado as empresas a investir. A Duratex Madeira, produtora de pisos laminados e chapas de fibra, vai investir R\$30 milhões para equipar sua fábrica em Agudos, no estado de São Paulo - a intenção é duplicar sua capacidade produtiva que, atualmente, está em 50 mil metros cúbicos por ano. A expectativa para este ano é favorável ao mercado, acredita o diretor comercial da Duratex: "Espero que 2011 seja um ano fluido e positivo para o nosso mercado e creio que, mesmo com alguma desaceleração, a relação com a construção civil continue forte". Outras três empresas brasileiras (Fibraplac, Eucatex e Berneck) e duas chilenas (Masisa e Arauco), sediadas no país, são consideradas as competidoras de maior peso no mercado de laminados e madeira. Desta forma, com a concorrência acirrada, operações de fusão e aquisição não são possibilidades descartadas pela Duratex (Brasil Econômico/ Mariana Celle).

Em 2011, novas tecnologias no processamento da madeira chegam ao mercado e as empresas já antecipam apresentar novos produtos nas feiras este ano. A Masisa, de Curitiba (PR), lançou na FIMMA seis novos padrões de MDF e oito novos padrões de MDP, ou MDPremium, da linha Touch Masisa. Com grande resistência ao empenamento e ao arranque de materiais colados em sua superfície, tanto o MDF, como o MDPremium, oferecem menor desgaste a ferramentas de corte e maior resistência na sustentação de divisórias e outras prateleiras.

No cenário ambiental, há muita expectativa quanto às mudanças no Código Florestal que certamente reflete diretamente nos rumos deste setor de



madeira processada, que utiliza também madeira de florestas nativas e plantadas.

Com o intuito de conter o desmatamento, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) executou recentemente a Operação Disparada, para combater o desmatamento ilegal, simultaneamente, em cinco regiões da Amazônia Legal, englobando Pará, Mato Grosso e Amazonas. Os alvos são frentes de pecuária ilegal, principal vetor do desmatamento na Amazônia, que afeta áreas protegidas, terras públicas, propriedades privadas ou mesmo terras indígenas invadidas (Celulose Online/IBAMA).

No primeiro trimestre de 2011, os preços do metro cúbico de madeira serrada na Zona da Mata Mineira permaneceram estáveis, a saber: Angelim Margoso (R\$1.710,00), Cumaru (R\$2.300,00), Jatobá (R\$2.070,00), Pinus (R\$520,00). As exceções foram o metro cúbico da Sucupira que teve aumento de 3,28%, em fevereiro, sendo comercializada a R\$1.890,00 e o Eucalipto que teve alta de 12,5% em fevereiro, sendo comercializada a R\$900,00 (Ciflorestas).

### **Segmento de carvão vegetal**

O mercado de carvão encontra-se em expectativa de uma melhor definição dos rumos do mercado mundial de ferro gusa. Praticamente, o mercado interno tem sustentado a demanda de ferro gusa, dada a falta de competitividade que o produto brasileiro está tendo no mercado internacional, devido aos custos comparativamente maiores deste em relação aos demais competidores.

O cenário político, social e econômico internacional, em virtude do ambiente de guerra instalado no oriente médio e do recente desastre climático no Japão, tem aumentado, significativamente, a incerteza e os rumos dos mercados globais, incluindo neste o mercado de ferro gusa.

A discussão interna sobre a reforma do Código Florestal brasileiro, também, tem contribuído para a relativa inanição nos mercados de gusa e do carvão no mercado interno.

Esse freio no mercado de ferro gusa internacional e nacional, como era de se esperar, vem afetando as expectativas animadoras de aumento da demanda por carvão, previstas em fins de 2010 e início de 2011. Segundo dados do IBGE, tanto a produção de carvão vegetal da silvicultura como da extração vegetal vem caindo nos últimos anos. Em 2009, foram produzidas 5.018.271 toneladas de carvão vegetal, produção 19,0% menor que a de 2008. A produção de carvão proveniente da silvicultura, que vinha crescendo desde 2002, apresentou queda (15,0%), com produção de 3.378.492 toneladas. O carvão oriundo do extrativismo apresentou uma queda de 26,2% entre 2008 e 2009, totalizando 1.639.779 toneladas. Em 2009, os principais produtores de carvão vegetal de florestas cultivadas foram Minas Gerais (80,4% da produção nacional), Maranhão (6,7%), Bahia (5,4%), São Paulo (2,0%) e Mato Grosso do Sul (1,6%). Os principais produtores do carvão obtido da extração vegetal foram Maranhão (28,9% da produção nacional), Mato Grosso do Sul (17,7%), Minas Gerais (17,2%), Bahia (8,7%) e Goiás (8,1%).

Segundo Luís Celso Guimarães, gerente do IBGE, a redução se concentrou em Minas Gerais e no Maranhão, em decorrência da menor procura das usinas pelo produto, insumo para a produção de ferro-gusa e aço. Já no Pará, onde há um grande polo de siderurgia, não houve recuo na produção de carvão. Como constatado, o carvão de origem de mata nativa teve uma queda mais expressiva: 26,2% de 2008 para 2009. Já o com origem em florestas plantadas inverteu a tendência de alta desde 2002 e caiu 15%. "É uma notícia muito boa e, sem dúvida, reflete a mudança de paradigma da siderurgia, maior consumidora de carvão", diz Guimarães.

Tendo vista a importância que a produção e o consumo de carvão exercem sobre a economia florestal e nacional, urge que medidas mais efetivas sejam tomadas por parte do governo e da sociedade para minimizar os

impactos negativos que o atual cenário e os problemas antigos têm provocado sobre esta importante cadeia produtiva.

### **Segmento moveleiro**

De acordo com as previsões, o setor moveleiro continua, em 2011, crescendo no país; porém, num ritmo menor do que o de 2010. Segundo o Indicador Serasa Experian de Atividade do Comércio, o consumo de móveis, eletroeletrônicos e informática no varejo brasileiro cresceu 8,9%, no primeiro trimestre de 2011, um desempenho bom, atrás somente do setor de construção civil (14,1%); porém, aquém do verificado em 2010, em torno de 10,3%, no mesmo período. Em março, o setor moveleiro cresceu 6%, comparado com o mesmo mês no ano de 2010. O resultado revela que o varejo brasileiro, embora continue crescendo, já apresenta sinais de desaceleração. Para os economistas do Serasa Experian, as medidas macroprudenciais de restrição ao crédito e o aumento da taxa básica de juros (Selic) são os principais fatores para a desaceleração do consumo no varejo. Tais medidas objetivam conter a compra de produtos nos quais o crédito é a forma preponderante de pagamento (eMobile/ Luis Antonio Hangai). Em termos de exportação, o setor também tem apresentado resultados surpreendentes. Por exemplo, nos dois primeiros meses de 2011, as exportações brasileiras de móveis para a Argentina aumentaram 40,1%, totalizando US\$20,7 milhões, ante US\$14,8 milhões no mesmo período em 2010. Os dois maiores estados exportadores de móveis, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tiveram uma queda de mais de 10%, de US\$64,9 milhões em 2010 para US\$ 58,1 milhões em 2011. As exportações dos estados do Paraná e Minas Gerais foram as que mais se intensificaram no período, com crescimento de 41,4% e 165,9%, respectivamente, tendo atingido US\$17,6 milhões (Paraná) e US\$7,6 (Minas Gerais).

Apesar de desacelerado, esse bom desempenho na venda de móveis do setor pode ser creditado a diversos fatores, mas, principalmente, aos esforços dos empresários brasileiros dos diferentes polos moveleiros em manter suas indústrias modernizadas ou sob constante inovação. Nesse sentido, a indústria



tem conseguido incitar a sensibilidade e a percepção dos consumidores, através, principalmente, de um design mais revolucionário. A participação em feiras locais, regionais, nacionais e internacionais, visando união de todo o setor moveleiro nacional, e a preservação dos interesses das empresas em inovação tem sido outro fator relevante para manter o desempenho do setor. A feira realizada pela Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (MOVERGS), promotora da FIMMA Brasil 2011 - Feira Internacional de Móveis, já apresenta excelentes números de comercialização e expectativa de vendas, na avaliação do comitê organizador. Há pouco mais de quatro meses do evento, 70% da feira está praticamente comercializada: 30% dos espaços já contam com contratos assinados e outros 40% encontram-se em fase final de negociação. O esforço de união do setor, no entanto, tem sido anulado, em parte, pela guerra fiscal entre estados, a exemplo do que vem acontecendo em São Paulo e no Sul. O governo de São Paulo anunciou uma redução de 7% no valor do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) para os móveis fabricados no Estado. Em termos de comparação, o valor chega a ser 5% menor do que as empresas gaúchas pagam no Rio Grande do Sul. O mercado gaúcho deve ser um dos que mais sentirá o impacto desta redução. Estima-se que em torno de 30% dos móveis produzidos no Rio Grande do Sul sejam vendidos para o mercado paulista, o maior consumidor do País. No dizer de Ivo Cansan, presidente da MOVERGS, "o impacto será muito grande para quem produz para vender para São Paulo. Perde muita competitividade. Mesmo que só 5% destes 30% sejam afetados, ainda representa muito para a indústria gaúcha, o equivalente ao que se vende para mais de três estados juntos".



## **Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas**

Naisy Silva Soares – Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.